Eu, Gregor Samsa, um proletário

Assim como a imensa maioria das pessoas vivendo sob o regime capitalista de produção, eu, Gregor Samsa, sou um proletário. Faço parte de uma classe que só vive enquanto encontra trabalho, e que só encontra trabalho enquanto seu labor aumenta o capital. Vendo a minha força de trabalho ao meu patrão e em troca recebo um salário. Com esse dinheiro, pago as contas do lar, já que vivem comigo meu pai, minha mãe e minha irmã. Meu pai era comerciante e um dos bons. Todavia, seu negócio faliu e ele se afundou em dívidas. Passei então a trabalhar para pagá-las. No entanto, tudo isso acabou. Tudo mudou desde o dia em que fui despedido.

É bem verdade que eu sempre quis trocar de trabalho, mas nem isso fez minha demissão menos dolorida. “Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia — viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e, além disso, me é imposta essa canseira de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso!”[1] Depois que fiquei desempregado, daria tudo para voltar a esse emprego. Afinal, o capitalismo é o sistema que dá a nós, trabalhadores, muita liberdade: a de escolher entre um emprego horrível, ou a fome e a rua.

Desde esse fatídico dia, minha vida nunca mais foi a mesma. A partir daquele momento, pude tomar consciência da minha classe e da minha condição de dupla exploração. Passei a olhar o mundo com outro olhar. Vi que o valor da minha vida era determinado pelo o que eu tinha no banco. Percebi que eu era apenas mais uma engrenagem fria do sistema.

De um lado, era explorado pelo meu patrão em busca de seu lucro. Dediquei anos da minha vida à firma, dando meu suor a cada hora de cada dia. Viajava incansavelmente para vender todo tipo de produto. Mas bastou que eu faltasse um dia **-** pois estava doente de cama **-** para que o gerente fosse pessoalmente à minha casa, humilhar-me na frente da minha família e me demitir. Disse que minha exploração é dupla, porque é minha família o outro polo de exploração. Logo eles, que deviam ser as pessoas a me amar e cuidar incondicionalmente. Justo eles**,** eram os que se aproveitavam do meu trabalho duro, enquanto ficavam em casa. Eu, que sempre fiz tudo por eles, inclusive assumir esse emprego horrível, apenas para pagar as dívidas que meu pai contraiu. No momento em que eu não trazia mais dinheiro para casa, não tinha mais valor para a família.

Quando contei que havia sido despedido, todos entraram em choque em casa. Minha mãe, sempre muito emotiva, até chorou. Depois, ouvi conversas pelos cantos de que estavam insatisfeitos com a minha condição de desempregado. Com o tempo passando e eu sem arrumar trabalho, expulsaram-me de casa. Foi horrível, mas não pior depois que eu

fui preso. Na rua, com fome, não tive opção senão roubar um pão e um leite. Mas essa sociedade hipócrita em que vivemos condena o pobre que rouba para comer e não o rico que mata para lucrar. Na cadeia, fiquei numa cela minúscula, sem nenhum móvel, sozinho. Os dias passavam e me afogavam em tédio e solidão. Minha vontade era subir as paredes e correr pelo teto. Como sentia falta da liberdade.

Depois de um tempo, fui liberado e jogado exatamente onde estava antes: debaixo de uma ponte. A humilhação que sentia antes dos constantes abusos cometidos pelo meu gerente não se compara à que passei a sentir como morador em situação de rua. Minha alimentação era apenas lixo e restos, dormia debaixo de uma ponte e estava sujo. As pessoas olhavam para mim com desgosto, com nojo, quase como se eu fosse uma coisa ou um animal, talvez "um inseto monstruoso"[2]. Minha vida se tornou triste e mórbida, "passava as noites e os dias quase completamente sem sono. Às vezes pensava em reassumir os assuntos da família, exatamente como antes"[3], mas logo lembrava que era impossível, apenas um sonho distante. Estava coberto de desalento.

Meus últimos dias chegaram mais rápido do que podia esperar. Estava fraco, com fome; sujo, na rua; doente de uma ferida infeccionada. Ninguém mais podia me ver ou me ouvir. Não significava nada para nenhuma pessoa se eu vivia ou morria. E essa era a maior das dores que eu sentia. Até que a dor parou. O barulho cessou. Vi uma luz branca se aproximando. Senti a calma e a tranquilidade que havia tanto tempo não sentia. Estava morto.

[1] Passagem do livro *Metamorfose* de Franz Kafka

[2] Passagem do livro *Metamorfose* de Franz Kafka

[3] Passagem do livro *Metamorfose* de Franz Kafka